

## **DIA MUNDIAL DO DOENTE 2025**

Queridos irmãos e irmãs! Caríssimos doentes, cuidadores e todos aqueles que nos acompanham através da TV Canção Nova e nas redes sociais.

Hoje, 11 de fevereiro, celebramos, neste Santuário de Fátima, o 33.º Dia Mundial do Doente, neste Ano Santo Jubilar de Esperança, com as palavras do Papa Francisco: “A esperança não engana” (Rm 5,5) e fortalece-nos nas tribulações. Nesta festa litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes alguns doentes e idosos vão receber o Sacramento da Unção.

Na escola do sofrimento e da cruz, a esperança ensina-nos que “a vida é frágil e vulnerável, mas preciosa”, um dom de Deus, que devemos defender e dignificar desde o momento da concepção até à morte natural. A relação de Jesus com os doentes, como relatam os Evangelhos, foi constante e quando se encontrava com eles transformava a sua vida.

Isaías, na primeira leitura, fala da experiência do “Servo Sofredor”, comparando-o “como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza para atrair o nosso olhar nem aspeto agradável que possa cativar-nos. Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores” (cf. Is 53, 1-5.7-10). À luz destas palavras do profeta, também na experiência da doença, que cada um possa ter, fixemos o nosso olhar na esperança que transforma e liberta a nossa vida.

Jesus é descrito no Evangelho como o Médico Divino, o Bom Samaritano e o Curador ferido, que sofre e morre na cruz para nos salvar. Cristo crucificado e ressuscitado é o modelo da solicitude materna da Igreja no cuidado a ter com os doentes. A consciência cristã de “que a dor traz sempre consigo um mistério de salvação, porque nos faz experimentar, de forma próxima e real, a consolação que vem de Deus, ao ponto de “conhecer a plenitude do Evangelho com todas as suas promessas e a sua vida” (São João Paulo II aos jovens a 12/09/1987). No mistério da dor floresce a fé e o amor que curam.

No Evangelho de Lucas, escutámos o texto que nos fala de Maria na visitação à sua prima Isabel, para lhe oferecer a sua disponibilidade e serviço, como memória agradecida da promessa. “Isabel ficou cheia do Espírito Santo e exclamou em alta voz: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. De onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor? Na verdade, logo que chegou aos meus ouvidos a voz da tua

saudação, o menino exultou de alegria no meu seio. Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento de tudo quanto lhe foi dito da parte do Senhor. Maria, no Canto de Magnificat, ensina-nos como devemos servir as pessoas: com humildade, disponibilidade, compaixão e empatia.

A memória do aniversário da 1.<sup>a</sup> aparição de Nossa Senhora em Lourdes revela-nos, por meio de Maria, a ternura e a bondade do nosso Deus. Através da pequena Bernadette, pobre e doente, convidou-nos a abrir o coração ao “dom” de Deus e à oração de comunhão com os mais frágeis e doentes. A Mãe de Jesus pede aos cristãos para celebrarmos este dia como uma oportunidade de oração, de reflexão sobre a dignidade e o valor da vida humana, a dimensão existencial da dor e do sentido cristão do sofrimento.

Neste dia, o Papa convida-nos a refletir sobre a presença de Deus junto dos que sofrem a partir da experiência: “o encontro, o dom e a partilha”. São realidades que podem iluminar a mente e o coração dos profissionais de saúde, para que no serviço e no cuidado, a humanização seja um sinal concreto do dom oferecido, como presente partilhado, na missão que todos temos junto dos doentes.

A compaixão de Deus leva-nos a ancorar as tempestades da vida num porto de bonança onde encontramos a consolação, que vem do alto e a resiliência da “grande esperança”, de onde vêm todos os raios de luz com os quais podemos ultrapassar as provações e os obstáculos da vida cf. Bento XVI, Carta enc. *Spes salvi*, 27.31). Neste contexto, a Pastoral da Saúde deve promover o cuidado espiritual dos doentes, privilegiar o encontro, a escuta, o acompanhamento, a presença, o humanismo, a evangelização, a oração e a celebração da Unção dos Enfermos.

Cada profissional deve proporcionar os melhores cuidados e oferecer as melhores práticas para lhes aliviar o sofrimento e permitir a cura. Devemos destacar a importante função que têm os Conselhos de Administração, os gestores, os médicos, os enfermeiros, os técnicos sanitários, operacionais de saúde, os capelães e os assistentes espirituais, os voluntários, as famílias e toda a comunidade em geral.

A humanização dos cuidados de saúde, a promoção da verdadeira qualidade de vida, o cuidar, o profissionalismo e o coração desafiam-nos a sair do nosso individualismo e a lutar contra a cultura do descarte e da indiferença.

Os lugares onde se sofre são frequentemente espaços de “encontro, de dom e de partilha” (Papa Francisco). “Quantas vezes se aprende a esperar à cabeceira de um doente! Quantas vezes se aprende a crer ao lado de quem sofre! Quantas vezes descobrimos o amor inclinando-nos sobre quem tem necessidades! Ou seja, apercebemo-nos de que todos juntos somos “anjos” de esperança, mensageiros de Deus uns para os outros” (Mensagem do Papa, 2025).

O voluntariado e a humanização devem levar as instituições católicas e outras a promover uma cultura de gratuidade opondo-se à cultura da desumanização, do lucro, do descartável e até da promoção da própria morte.

A alegria do serviço, como um dom gratuito, é um indicador apontado para se ser voluntário. Por isso, o Papa sabe expressar-lhes o “seu agradecimento e encorajamento”. Lembra, que o voluntário é um amigo desinteressado, a quem se pode confidenciar pensamentos e emoções, pois é através da escuta que ele cria as condições para que o doente deixe de ser objeto passivo de cuidados, para se tornar um sujeito ativo e protagonista de uma relação de reciprocidade, capaz de recuperar a esperança e disposição para aceitar as novas formas de terapia.

A partir deste santuário, confiemos a Maria, que desceu à Cova da Iria para dialogar com três pequenas crianças sobre a oração, a paz, a guerra, os pecadores, os sofrimentos e os doentes, a graça de sermos cuidadores atentos às necessidades do próximo.

Ao amor misericordioso de Deus Pai confiemos os nossos doentes e os seus cuidadores e imploramos para todos a saúde da alma e do corpo.

Pedimos as graças que mais precisamos na terra para sermos felizes na glória do Céu. Amém.

Fátima, 11 de fevereiro de 2025

+ António Luciano, Bispo de Viseu